

## " MEMÓRIAS DE UM PESADELO "



**NOTA PRÉVIA:** Sou o ex-Fur. Milº ANTÓNIO SILVA PEREIRA que, por imperativos muito diversos da minha vontade, fui escalado para servir nas hostes da CCAÇ 2667, BCAÇ 2908, a qual, a mando dos "intérpretes da outra senhora", haveria de fazer jus ao lema "SEMPRE EXCELENTES E VALOROSOS", por Terras de Sanga, algures no distrito do NIASSA, da antiga colónia portuguesa de Moçambique, entre os anos 1970-1972.

Não fora o acirramento do camarada AMÂNDIO MEIRA, jamais me veria a expressar, preto no branco e publicamente, excertos de uma experiência, tantas vezes sujeita a juízos antagónicos, como foi a nossa presença beligerante no solo africano.

O tempo tudo cura e, como tal, declaro-me vencido, face ao interesse colectivo em recordar pequenos/grandes acontecimentos que, sendo absolutamente reais, fizeram sempre a História de alguém.

Vamos, então, passar ao relato de uma pequena história a que convencionei chamar de

## " MEMÓRIAS DE UM PESADELO "

Corria o mês de Novembro de 1970, quando a CCAÇ 2667 foi destacada para uma acção militar designada de "intervenção", fora da sua área normal de actuação, no caso, NOVA COIMBRA, um aquartelamento sito nas proximidades do Lago Niassa, algures entre METANGULA e o LUNHO.

Essa "intervenção", a primeira de duas que ocorreram durante a comissão, tinha a duração aproximada de um mês, sendo certo que a CCAÇ 2667 largou de Macaloge em coluna motorizada, com destino a Nova Coimbra, numa data próxima do dia 18 de Novembro (se algum camarada tiver a data precisa, agradece-se a correcção).

Para quem não conheceu aquela realidade e se der ao trabalho de utilizar as actuais maravilhas do GOOGLE EARTH, até parece que a deslocação seria fácil e rápida, dada a relativa proximidade geográfica.

Sabem todos os que por lá passaram que a única via terrestre e possível era o trajecto MACALOGUE, UNANGO, VILA CABRAL, MANIAMBÁ, METANGULA e NOVA COIMBRA. Isso equivale, mais ou menos a alguém que esteja no PORTO e queira ir para AVEIRO, fazer o percurso de PORTO, VILA REAL, VISEU, AVEIRO.

Agora, meus caros amigos, vocês estão a ver as auto-estradas do Niassa, naquela época (penso que agora a diferença deve ser pequena).

Pois bem, estávamos quase no final do primeiro ano da comissão de serviço, o que o mesmo é dizer a meio da comissão, às portas do Natal, uma quadra difícil de esquecer na tradição cultural portuguesa, mais ainda para os militares no teatro de guerra.

Ainda hoje sinto a satisfação de vos poder dizer que aquele cenário, proposto à minha CCAÇ 2667, estava completamente distante dos meus planos para o mesmo período, até ao final do ano.

Na verdade, o meu plano de férias previa o embarque, em Vila Cabral e a 22 de Novembro, a bordo de um bimotor das linhas aéreas de Moçambique, que me conduziria à cidade da Beira, para aí tomar o Boeing da TAP que me traria ao Porto, após escalas em Luanda e Lisboa.

Sim, posso dizer-vos que fui um dos felizardos que não só viu a primeira "intervenção" da 2667 por um canudo, como tive a oportunidade de passar o Natal de 1970 junto dos meus familiares, coisa que, infelizmente, não estive acessível ao universo dos meus camaradas de armas.

*Dada a coincidência temporal da saída da “2667”, rumo a Vila Cabral, e a minha necessidade de me deslocar a Vila Cabral, mas para ir de férias, convencionou-se que eu acompanharia a companhia até Vila Cabral, onde seguiríamos destinos diferentes.*

*(Nesta altura, coloco-me na pele do meu caro leitor e parece que estou a ouvi-lo:*

*¾ Bonito serviço! Com este pesadelo qualquer um pode...*

*Vejamos, então, onde entra o pesadelo)*

*Estava a “2667” já em Vila Cabral, comigo de mala aviada para rumar ao “puto”, quando chega uma MSG de Maniamba, informando que o grupo que fazia a “picagem” para possibilitar a passagem da coluna da CCAÇ 2667, havia rebentado uma mina anti-carro. Resultado: Um UNIMOG 604 tinha “desaparecido” e, com ele, SEIS MORTOS do BCAÇ 2906.*

*Se o acontecimento já era um problema em si, maior era o problema porque nenhum aquartelamento está preparado com SEIS URNAS.*

*Era necessário fazer chegar as urnas a MANIAMBÁ, para acolherem os restos mortais dos nossos malogrados companheiros.*

*Estávamos em Vila Cabral, a 19 ou 20 de Novembro, e eu tinha o embarque previsto para o dia 22.*

*O capitão Serote Nunes acerca-se de mim e, num tom tão fúnebre quanto o momento o justificava, dispara: ¾ Nosso Furriel, é preciso ir lá levar as urnas. Você não estava a contar com isso, mas tenha paciência e dê-nos uma mãozinha.*

*Ainda hoje não compreendo por que razão se não aproveitou a deslocação da coluna da CACAÇ 2667, para levar também as urnas. O certo é que o Fur. SILVA PEREIRA e a sua secção lá foram a MANIAMBÁ, armados em agentes funerários.*

*Escusado será aqui descrever o sentimento que nos dominava a todos, não só pela solidariedade que uma notícia daquelas provoca nos camaradas de armas, mas especialmente pela missão de que estávamos incumbidos.*

*A vós, caros amigos “SEMPRE EXCELENTES E VALOROSOS” não vos é difícil imaginar qual o meu estado particular, com a METRÓPOLE como miragem, enquanto ao meu redor fervilhava um misto de SANGUE, SUOR E LÁGRIMAS.*

*Passámos, obrigatoriamente, pelo local do acidente. O que era dantes uma “picada” com cerca de 3 metros de largura, tinha dado lugar a um fosso com 2 metros de profundidade. À volta, pedaços de metal retorcido, rastos de sangue e um cheiro acre que nos fazia sentir o estômago colar-se à garganta.*

*Um pouco mais adiante, lá chegamos a Maniamba. Uma espécie de oásis (com eucaliptos, coisa rara no Niassa), no meio de uma selva agreste. O silêncio era de morte.*

*Feita a entrega da encomenda macabra, regressei a Vila Cabral no Taxi Aéreo de reabastecimento, já que a secção ficou a aguardar a chegada do resto da companhia.*

*Uma missão cumprida que correu bem, apesar dos motivos que estiveram na sua origem.*

*Às 14:25 horas do dia 23 de Novembro de 1970, aterrei no aeroporto de Pedras Rubras. Com a nítida sensação de ter acordado de um pesadelo.*

*Aproveito a oportunidade para render a minha homenagem aos bravos militares que sucumbiram aos efeitos daquela mina assassina, no cumprimento de uma missão que não teve retorno. Que descansem em Paz, já que se, onde quer que estejam, a memória deste mundo se consente, para sempre saberão que foi em vão que seu sangue derramaram.*